



Um pequeno anjo

– NÃO VOU! – disse o pequeno anjo, batendo com o pé no chão.

Os outros anjos ficaram chocados.

– Tens de ir – sussurraram. – O Gabriel disse que todos tínhamos de ir. Disse que tínhamos de brilhar como estrelas no céu e depois ir saudar o bebé. Vão estar todos lá e ele vai ficar zangado se tu faltares.

– Mas ele não tem de saber, pois não? – perguntou o anjinho. – Se eu ficar aqui em cima até tudo estar terminado e vocês nada disserem, ele não vai saber.

– Vai, vai – disserem todos em coro. – O Gabriel sabe tudo. Não te recordas de que ele nos disse que sabia? Sabe sempre quando mentimos. Sabe se deitamos a língua de fora e sabe sempre se dizemos palavras feias. Por isso, vai descobrir que lhe desobedeceste. Anda daí!

Mas o anjinho não queria ir com eles. Então, deixaram-na ficar sozinha no escuro.

– Quero lá saber! – murmurou. – Não quero que todos olhem para mim e me vejam com este halo estúpido e com estas asas estúpidas. E, de qualquer forma, consigo ver tudo daqui de cima.

O anjinho olhou para a cena que se desenrolava a seus pés. Embora não quisesse ir, não queria perder o acontecimento. Viu os pastores com as ovelhas... Viu os três Reis Magos com as suas oferendas de ouro, incenso e mirra... Viu o estalajadeiro e a mulher, a vaca, o cavalo, o burro e os anjos.

Debruçou-se um pouco para conseguir vê-los a todos, a contemplar o bebé minúsculo num silêncio deslumbrado.

De repente, a escuridão desvaneceu-se.

Todos olharam para cima. O pequeno anjo estava banhado em luz, a luz que emanava de baixo.

Mas ela nem se mexeu. Não se podia mexer. Estava petrificada. Quando a sua boquinha começou a tremer, o silêncio foi quebrado por uma salva de palmas que ecoou em todo o auditório da escola.

O pequeno anjo, que brilhava mais do que a estrela mais brilhante, sorriu e todos o imitaram. Especialmente o Sr. Gabriel, o reitor.

Ruth Brown
One Little Angel
London, Andersen Press, 1998